

ENTREVISTA / ASTRID RONDERO, CINEASTA

# 'Somos frutos das políticas públicas'

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**É** impossível não pensar em "Cidade de Deus" (2002) diante das tomadas de um realismo cru que transformam o thriller social "Sujo", de Astrid Rondero e Fernanda Valadez, num ímã de prêmios, em prol do México, por onde passa desde janeiro, quando abocanhou o World Dramatic Award do Festival de Sundance. Neste sábado, o longa-metragem que pode levar o cinema mexicano ao Oscar (como representante oficial da pátria de "Chaves" aos votantes da Academia de Hollywood), tem tudo para ganhar o prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián. Seu título é um nome de uma criança que é deixada órfã, aos 4 anos, depois do assassinato de seu pai, um matador a serviço dos carteis. Ao longo de uma narrativa frenética, vemos as idas e vindas do garoto (vivido por Juan Jesús Varela) pelas "quebradas" de um mundaréu cheio de tiroteios. É uma radiografia dos males do narcotráfico.

Num papo com o Correio da Manhã, em San Sebastián, Astrid, conhecida por "Los Días Más Oscuros de Nosotras"

## Encontro com o Brasil

Um dos principais rivais de "Sujo" na disputa pelo prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián vem de São Paulo: "Cidade; Campo", de Juliana Rojas. Sua narrativa foi coroada com o prêmio de Melhor



A diretora mexicana Astrid Rondero, de Sujo

(2017), traça um olhar geopolítico sobre a Pangeia de colonização espanhola.

Embora a essência de "Sujo" seja uma

reflexão sociológica, há momentos de fazer inveja aos filmes de ação de Hollywood, daqueles estrelados por Sylvester

Direção na mostra Encontros da Berlinale, em fevereiro, Em agosto, conquistou o Kikito de Melhor Atriz, em Gramado, dado ao desempenho arrebatador de Fernanda Vianna. Além do vigor de sua estrutura formal, a produção se destaca pelo modo como celebra a força feminina e como enfrenta tabus recorrentes na representação do amor queer. Seu roteiro se divide em dois hemisférios: num, uma agricultora que perdeu tudo na tragédia de Brumadinho se muda para a metrópole; noutro, um casal de namoradas vai tentar a sorte num sítio isolado. (R.F.)

Stallone, pela dose farta de adrenalina e o requinte dos enquadramentos. Como essas sequências foram idealizadas?

Astrid Rondero - Gosto de "O Mensageiro do Diabo", de Charles Laughton, que foi uma das referências nas quais pensamos para a construção de um espírito de thriller. Era necessário um clima de tensão, em meio a um contexto social, em que algo de perigoso possa acontecer a cada instante. O apelo maior do cinema de ficção nesse registro é que ele consegue entreter ao mesmo tempo que abre debates.

De que México "Sujo" fala?

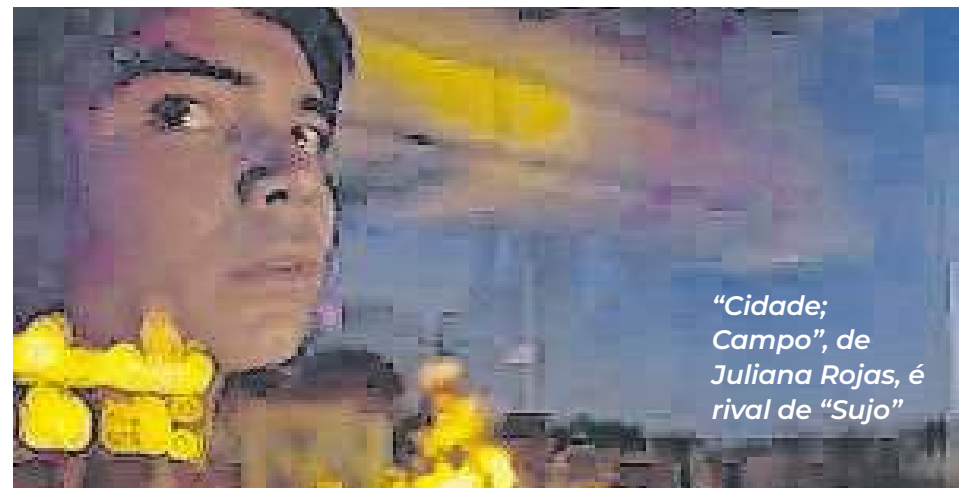
Astrid Rondero - Nós filmamos um México de discriminação, onde há uma realidade segura, de um lado, e uma realidade de ausência do estado do outro.

Desde Sundance, você e Fernanda Valadez têm sido citadas como parte de uma forte geração de mulheres cineastas das Américas. Como tem sido essa representatividade feminina no México?

Astrid Rondero - Temos uma significativa presença de mulheres na direção em nosso país desde os anos 1930. Matilda Landeta (de "Mulher de Rua") é uma delas. Ações públicas de investimento do nosso governo fez aparecer uma nova geração.

Qual foi o orçamento do filme e como ele se enquadra nas políticas culturais do México hoje?

Astrid Rondero - "Sujo" teve um custo estimado em US\$ 1 milhão e é um resultado de políticas públicas que permitiram o alcance de pessoas de minorias distintas ao audiovisual. Está previsto para estrear em circuito mexicano no dia 5 de dezembro, em 350 ou 400 salas. Já vendemos o filme para 30 países.



"Cidade; Campo", de Juliana Rojas, é rival de "Sujo"

SSIFF